



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **A EROTIZAÇÃO FEMININA EM UM CENÁRIO MUSICAL BRASILEIRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Ingrid de Souza Silva<sup>1</sup>; Andreza Silva dos Santos<sup>2</sup>; José Renato Santos de Oliveira<sup>3</sup>; Tatiana Tarrão dos Santos<sup>4</sup>; Tatiane Pina Santos Linhares<sup>5</sup>.**

*UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB CAMPUS VII. ingrid.ss156@outlook.com*

**Resumo: Introdução:** A importância da música na sociedade deve-se ao seu grande poder enquanto difusor de valores socioculturais. No Brasil, a música tem sua originalidade a partir de elementos que foram provenientes de mistura cultural e é permeada pela dimensão do patriarcado/machismo. É perceptível, em diversas músicas, um conteúdo cheio de ambiguidades que de modo geral, subjuga as mulheres, colocando-as como: infiéis, submissas e/ou descaradas; também percebe-se a naturalização das violências contra as mulheres, que vai das mais sutis até às mais brutais, como a apologia ao estupro. Neste sentido, o **objetivo** deste trabalho foi problematizar sobre a objetificação da mulher nas músicas de duplo sentido e sua interferência no contexto social. O **Método:** Relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido por docente e discentes do curso de Enfermagem da UNEB, Campus VII, numa unidade escolar da rede estadual de ensino (município de Senhor do Bonfim-BA). A partir de ações disparadoras (apresentações de Coletânea de músicas, assim como as letras das mesmas em data show), elegeu-se a problematização das músicas com conteúdo ambíguo em conjunto com alunos(as) e professores (as), culminando em ricos debates e discussões. Primeira etapa: 2017; segunda etapa: Março de 2018 (término em meados Dezembro). **Resultados:** Adolescentes interessam-se pelo instrumental, pois ao discutir as letras de forma crítica, os(as) mesmos (as) tendem a condenar o teor pejorativo e a desvalorização da mulher. **Conclusão:** Necessidade de uma maior conscientização e criticidade por adolescentes acerca das músicas que pregam erotização da mulher e que reforcem a cultura de violência contra a mulher.

Palavras-Chaves: Erotização, Feminismo, Música, Sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo dos anos as músicas sempre foram capazes de transmitir sentimentos e emoções, carregadas por mensagens interpretadas em um dado contexto comunicativo. As músicas surgem a partir daquilo que nos cerca, que nos envolve, são criadas a partir das problemáticas que envolvem os indivíduos, suas letras vão além das modas e convenções, sempre em perante circulação, são produtos vivos, ligados a um tempo e espaço específico (HORMIGOS-RUIZ et al. 2018).

Analisando essa mensagem podemos compreender os mecanismos que dão sentido a linguagem musical de uma determinada sociedade, uma vez que os textos músicas são carregados por valores sociais, muitas vezes preenchidos por valores sexistas camuflados em suas formas artísticas. Isso transcorre a maneira que dada sociedade carrega cognitivamente e sensorialmente as mensagens que recebe a partir dos sons, é comum ouvir canções de músicas populares, onde os papéis dos homens e das mulheres estão delimitados



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

em torno de estereótipos culturalmente aprendidos (HORMIGOS-RUIZ et all. 2018).

No fim do século XX, na década de 90, observa-se uma vulgarização em torno da sexualidade, uma das consequências é a veiculação da imagem da mulher como objeto de intriga, desejo e provocação para com o homem. Essa “tendência” é percebida primeiro na mídia, sendo assim absorvida pela maioria da população masculina como “estilo de vida”. Em conformidade a música popular brasileira a partir dos anos 90 traz uma nova ressignificação da imagem da mulher, onde deixa de lado sua imagem de amada, dona do lar, entre outras, para a valorização dos seus aspectos físicos, “bundudas”, “peitudas”, “cachorras”, e sua ausência de intelectualidade (FERNANDES, s.d.).

Segundo Vasconcelos (2013) partir destas mudanças o corpo feminino torna-se então representado eroticamente, descrito com sensualidade, a mulher é identificada como objeto de consumo e em posição sempre inferior à masculina, a imagem da mulher, é explicitamente atacada e rebaixada, especialmente quando o corpo interpreta a música e dança, em movimentos sensuais e que simulam o ato sexual. Essa modificação faz com que a atividade de dançar seja identificada com feminilidade, já que a atividade de dança que é direcionada principalmente ao público feminino está relacionada com a exposição do

corpo, as mulheres exibem seu corpo como sua própria atividade de feminilidade hegemônica (FUENTES MATA et all. 2017).

Em nosso país a música tem sua originalidade a partir de elementos que foram provenientes de mistura cultural e é perpassada pela dimensão do patriarcado/machismo. Sendo uma das formas de transmissão de ideias, costumes, crenças, visões de mundo, ideologias, pode desta forma gerar ou mudar concepções e pensamentos (VASCONCELOS, 2013).

Contudo, embora nem toda composição seja artisticamente valiosa, que enalteça sem denegrir determinados valores sociais e pessoais, as melodias possuem um componente comunicativo determinado pela preferência e pela maneira como essa sociedade lida com objeto em questão. Poderíamos aqui salientar que as músicas são criadas com a ideia de estabelecer um relacionamento com o indivíduo, relacionamento que pode intencionalmente modificar o indivíduo, a partir da indução musical, associada ao contexto o que o ouvinte está inserido, pois nascem de preocupação, raiva, dúvida e, quase sempre, emoção, gerando nos ouvintes imagens sonoras coerentes que desenvolve no sujeito um modo particular de compreender os problemas da sociedade, que variará dependendo da



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

configuração do contexto onde é escutado (HORMIGOS-RUIZ et al., 2018).

Nesse contexto, as composições formuladas no sexíssimo e violência de gênero que fomentam este tipo de violência, como também as que são formuladas contrariamente a este pensamento, são gravadas na memória sonora da nossa sociedade, sendo usada em cada momento de uma maneira diferente, de uma maneira que a reprodução da música acabará qualificando a maneira como a sociedade dá importância a sua mensagem e a composição que a envolve (HORMIGOS-RUIZ et al., 2018).

O tema se faz importante devido à escassez de trabalhos relacionados ao tema, servindo como contribuição para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca da vulnerabilidade do gênero feminino no ambiente musical, tendo por objetivo problematizar sobre a objetificação da mulher no cenário musical e sua interferência no contexto social.

### **METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão da Universidade do estado da Bahia, Campus VII, intitulado “Educação Sexual nas escolas”, fundamentado na educação popular em saúde, visando as trocas de saberes, elucidações e direcionamentos frente a temática. Os temas sempre sugeridos por alunos e professores, sendo as temáticas adequadas para idade dos

participantes. Desenvolvido em 2017 e meados 2018 durante as práticas do projeto de extensão “Educação Sexual nas Escolas”, em um colégio estadual no município de Senhor do Bonfim-BA. Durante o curso das oficinas estiveram presentes uma psicóloga pertencente ao Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), uma docente e sete discentes do curso de Enfermagem da UNEB, Campus VII, bem como discentes e docentes da instituição alvo, totalizando no ano de 2017, 108 meninas e 137 meninos, e no ano de 2018, 88 meninas e 52 meninos, com faixa etária compreendida entre 14 e 20 anos, além de 10 docentes pertencentes a referida escola. As ações foram desenvolvidas em 33 encontros por meio de oficinas com duração de 2 horas cada. O projeto utilizou como estratégias, ações disparadoras música em Mp3, reproduzida a partir de uma caixa de som perante o público, sendo reproduzida a música “Balança o Rabinho Cachorra” da banda de pagode baiano Black Style, sendo a oficina realizada na quadra pertencente ao colégio em questão, contando com a participação dos alunos da referida escola estadual. Além da música foram utilizados durante as oficinas recursos audiovisuais, como slides e pequenos vídeos retratando a temática em questão, sendo ainda entregue aos participantes do evento um papel em branco para que os mesmos pudessem explanar sobre suas impressões no que diz



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas da Mulheres

respeito ao tema, suas concordâncias e discordâncias e possíveis dúvidas relacionadas a precarização da imagem feminina no contexto musical, permitindo a partir destes recursos a inserção do público alvo nas discussões. As contribuições verbais dos participantes das oficinas, são intitulados como: P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

As músicas têm uma função educacional fundamental, pois age diretamente em nossa opinião, a memória sonora de indivíduos gera relações intermináveis com a psique, estabelecidas com base nos impactos emocionais que o atingem ao longo da vida, esses impactos criam um depósito de sons, formados a partir de experiências próprias e códigos culturais herdados, podendo de maneira negativa ou positiva alterar a realidade do sujeito, como também suas interpretações frente ao temas os quais o mesmo não possui compreensão adequada, por exemplo, se uma criança, é continuamente exposta, como forma de lazer, a estilos musicais e canções onde é continuamente menosprezado o papel social das mulheres, estará mais predisposta a reconhecer valores positivos na violência de gênero (HORMIGOS-RUIZ et all., 2018)

Durante a abordagem do tema podemos perceber que os alunos compreendem a temática, destacando a canção maneira

negativa para com as mulheres, sempre sendo mencionado o teor desconstrutivo da figura feminina presente na composição musical abordada. Vale lembrar que há músicas que falam sobre violência de gênero que hoje são censuradas; mas na época em que foram compostos, foram grandes sucessos, precisamente por causa da mensagem que transmitiram.

Sobre essa temática Hormigos-Ruiz et all. (2018) ressalta que a redução de produção desse agravante (músicas pejorativas para com as mulheres) surgiu a partir do momento em que a sociedade se tornou consciente deste grave problema, pois era de se esperar que as letras pejorativas que encorajavam a violência contra as mulheres comesçassem a desaparecer, várias mudanças se fazem presentes no cenário da violência de gênero (nas letras musicais), função da consciência alavancada para este problema, principalmente de grupos feministas, movimentos sócias, trabalhos escolares e universitários e do maior nível de informação ofertada a estes indivíduos, colaborando para o surgimento do senso crítico e repudiação de informações deletérias a sociedade e ao papel da mulher.

Porém o autor ainda destaca que não foi assim em todos os estilos. Ao analisar os dados obtidos na primeira década do século XXI, é evidente a continuidade de estilos musicais que usam o mesmo discurso discriminatório para a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas e Práticas

mulher, verifica-se que mais de metade das músicas que pertencem ao pop mantêm esses discursos (63,6%); enquanto, no rock ou heavy metal a discriminação foi reduzida e uma percepção maior frente a temática é percebida.

Concordando com Hormigos-Ruiz et all, (2018) em nosso ambiente de oficinas foi possível ter a percepção da mudança de comportamento do indivíduo perante a música, isso fica evidente a partir das falas dos participantes, com opiniões para com a música abordada no decorrer da intervenção: P2 “É uma letra Horrorizada isso não é normal.” P3 “Eu gostei da música o ritmo é bom, eu gosto muito de pagode, só que a letra é muito escandalosa.”

P4 “Eles não tem respeito com as mulheres.”

P5 “Realmente eu sinto “nojo” de letras como essa!

P6 “Essas músicas tratam as mulheres como objeto sexual as menosprezando, como se fossem animais.”

P7 “As músicas apresentadas, falam muita pornografia, tratando as mulheres como se fosse objetos sexuais.”

P8 “Infelizmente, isso se tornou uma música da moda, onde algumas mulheres, ou até meninas, “se jogam no fluxo” pode se deixam lavar pelas letras. Algumas delas podem até influenciar a meninas e meninos fazerem algo do tipo erótico.”

P9 “Esses cantores usam mulheres com um tipo de “brinquedo” onde eles falam o que quer e o que fazer. Ou querem fazer, devia ser igual, proibido esse tipo de “música”.

Embora com teor pejorativo, a música pode representar sentimentos diferentes no indivíduo que o a escuta, a mesma está fortemente ligada ao contexto o qual o sujeito faz parte, seu nível d escolaridade, sua renda, seu comportamento, sua base familiar, religião etc. Chama atenção a seguinte frase:

P1: “Dependendo do Público que irá ouvir. Para quem gosta é interessante, se eu não gosto não vou falar que é ruim porque alguém pode gostar.”

Nesse cenário o participante ressalta que embora a música tenha teor pejorativo, existe pessoas que gostam. Tal gosto de deve a construção da identidade do indivíduo em um cenário que traduz exclusivamente a letra da música para com o comportamento das mulheres do local o qual o sujeito está inserido. Diante disso Fuentes Mata et all (2017) expressa que é evidente que o consumo de música de massa provoca efeitos na formação de identidade de papéis de gênero no pré-adolescente e adolescente. Brilhante et all. (2018) em seu estudo realizada em escolas estaduais do bairro Bom Jardim, na periferia de Fortaleza, retrata algo parecido com o pensamento abordado em nosso cenário, uma





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vez que primeiramente tem-se a defesa do ritmo para depois de forma discreta o desqualificar: “O ritmo é muito bom de dançar. Aí a gente nem percebe. Mas escutando, prestando bem atenção, é pesado isso, cara. Nesse caso aí, é estupro sim”. Apesar do reconhecimento da violência, o crime é atenuado pela desqualificação da negativa feminina

Os contextos musicais interferem nas vidas das mulheres por meio do que há de mais íntimo e sensível: seus corpos e a forma como vivem sua sexualidade (MISKOLCI, 2006). Da mesma forma que o indivíduo desenvolve suas relações pessoais, ouvir música e assistir televisão são atividades que impactam na consciência de menores de idade e em sua construção de identidade (FUENTES MATA et all., 2017).

### CONCLUSÃO

Assim necessitamos criar espaços de discussão para desenvolver a conscientização sobre o verdadeiro papel da mulher na sociedade, propagar a partir de nossas crianças o senso crítico relacionado às diversas formas de deterioração da imagem feminina, como por exemplo através da música. A sociedade deve compreender que a música vai além das batidas instrumentais, que a mesma é fonte de valores sociais que expressam a situação real do ambiente o qual o indivíduo está inserido.

Nesse cenário também se faz importante a participação da esfera governamental, criação de leis que coíbam tal produção musical, uma vez que a mesma dissemina ódio, preconceito, depredação da imagem da mulher. Esperamos que a reflexão acerca da temática contribua para a criação de relações de gênero mais justas, onde a mulher ocupe seu papel de destaque em nossa sociedade, desde uma composição musical até a presidência de nosso país.

### REFERÊNCIAS

- HORMIGOS-RUIZ, Jaime; GOMEZ-ESCARDA, María; PERELLO-OLIVER, Salvador. Música y violencia de género en España. Estudio comparado por estilos musicales. **Convergencia**, Toluca , v. 25, n. 76, p. 75-98, abr. 2018.
- BRILHANTE, A. V. M.; NATIONS, M. K.; CATRIB, A. M. F. “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00009317, 2018.
- FERNANDES, P.M. “A imagem pejorativa sobre a mulher em letras de músicas”. < <http://www.itaporanga.net/genero/1/GT03/23.pdf> > 2007. In: I Seminário de Nacional de Gênero e Práticas Culturais.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

04, 05 e 06, 2007. Paraíba. Anais...Paraíba:  
UEPB/UFPB. [www.itaporanga.net/genero/1/](http://www.itaporanga.net/genero/1/).

FUENTES MATA, Irma; NAVARRETE  
OCHOA, Elsa Cristina; ROMERO ZEPEDA,  
Hilda. Preferencias musicales en  
preadolescentes y la formación de la identidad  
de género. **RIDE. Rev. Iberoam. Investig.  
Desarro. Educ**, Guadalajara , v. 8, n. 15, p.  
210-232, dic. 2017.

MISKOLCI, Richard. Dar a vida e cuidar da  
vida: feminismo e ciências sociais. **Cad.  
Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 22, n.  
8, p. 1762-1764, Ago. 2006 .

VASCONCELOS, Lyana. OS ESTILOS  
MUSICAIS COMO FATOR DE INDUÇÃO  
NO USO DO VESTUÁRIO E  
COMPORTAMENTO FEMININOS. JEPEX  
2013 – UFRPE: Recife, 09 a 13 de Dez 2013.